

O interior do Rio de Janeiro e o sertão carioca<sup>1</sup>

Pablo Freitas\*

**RESUMO:** Este artigo procura apresentar algumas reflexões sobre memória, espaço e cultura no interior do estado do Rio de Janeiro, tendo como ponto de partida o livro *O Sertão Carioca*.

**Palavras-chave:** Rio de Janeiro; *interiorano*; *sertão carioca*.

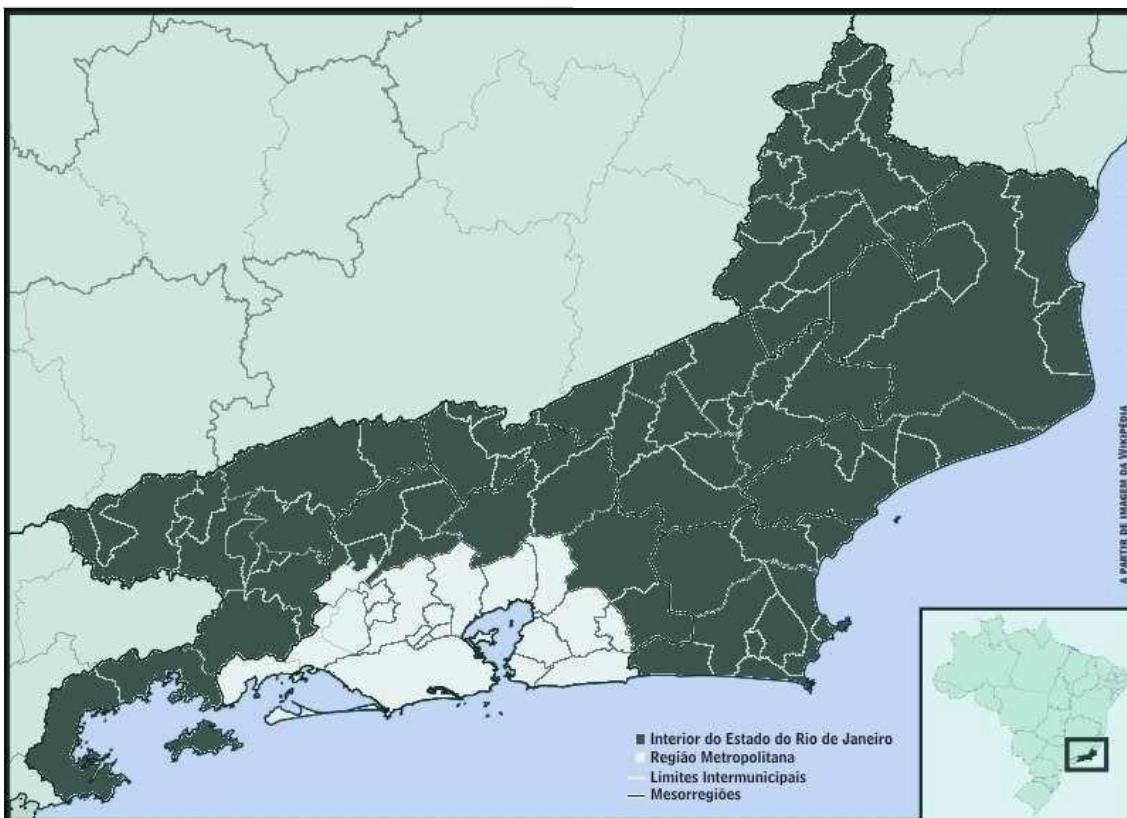
**ABSTRACT:** This paper aims to present some reflections on memory, space and culture in the country of Rio de Janeiro, having as its starting point the book *O Sertão Carioca*.

**Keywords:** *Rio de Janeiro*; *countryman*; *carioca interland*.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma forma de lembrar um pouco a cultura do interior do Rio de Janeiro, seu passado recente de traços predominantemente rurais, assim como as primeiras tentativas de construção e interpretação da nacionalidade e cultura brasileiras, nas primeiras décadas do século XX. Este texto é, também, uma homenagem à professora doutora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, que foi nossa professora no bacharelado em ciências sociais da Uerj, onde um dia, no segundo semestre, a encontrei sentada em um dos bancos de madeira que havia no corredor das salas de aula. Os alunos para o primeiro tempo das aulas do curso noturno ainda não haviam chegado e tive a oportunidade de conversar um pouco com uma antropóloga como se estivéssemos na praça de uma cidade não muito maior do que os pesados e cinzentos prédios da Uerj. Lembro que perguntei para ela nesse dia se era uma especialista no sertão brasileiro e, com bastante pedagogia, me respondeu que não era pesquisadora de um único tema. Disse que não deveria me preocupar em saber qual seria minha “especialização”, como algo que definisse minha formação intelectual, mas, sim, o contrário, não me limitando às segmentações das pesquisas científicas, ao estudar suas teorias e metodologias. Junto a outros professores e professoras, alunos e alunas, Luitgarde (ou Luit, como os cariocas a chamam) nos apresentou, por exemplo, o centenário da *Guerra de Canudos* do ponto de vista dos vencidos. Em 1997 foi lecionada por ela uma disciplina eletiva sobre Canudos, na época da fundação do arraial e não de sua destruição, como era comemorado oficialmente pelo governo. A revista *História, ciências, saúde - Manguinhos* sobre Canudos, citada neste artigo, nos foi apresentada durante esse curso. Entre outras boas lembranças das aulas da professora Luitgarde Barros, quero deixar registrado que ela nos apresentou a doutora Nise da Silveira, em um seminário da Uerj. Este estudo, além de ser uma homenagem pessoal a essa professora querida, procura encontrar alguns diálogos distantes e adormecidos na memória, entre professores que nunca deixaram de ser alunos, entre alunos (não migrantes, migrantes e estrangeiros) que tiveram alguma disciplina e dedicação para aprender as ciências sociais e perceber novos horizontes culturais para suas vivências étnicas e histórias de vida. Aos mestres e colegas e, também, a todos que acompanham essa leitura, meu sincero agradecimento.

\* Bacharel em Ciências Sociais pela UERJ. Professor da rede pública de ensino na região serrana do Rio.



Mapa 1. Interior do Rio de Janeiro (a partir de imagem da Wikipédia, Creative Commons, 2009)

O interior do estado do Rio de Janeiro (mapa 1) é definido geograficamente como todo o território em torno de sua região metropolitana. No entanto, sabemos que, para o senso comum, o interior do Rio de Janeiro sempre esteve associado a qualquer cidade do estado que não fosse a metrópole do Brasil Colônia. A história comprova esta ideia popularmente disseminada, pois parte da região metropolitana ainda mantinha vestígios rurais há algumas décadas, como é descrito no interessante e pouco referenciado estudo *O sertão carioca*, de Magalhães Corrêa (1936), onde encontramos as primeiras observações mais elaboradas sobre os ofícios, hábitos e cultura da área que compreende “A vasta zona da terra carioca, denominada planície de *Jacarépaguá* (Valle dos jacarés), *compreendida* entre os *massiços* da Tijuca e Camorim” [1] (ver abaixo, no mapa 2, a área considerada metropolitana em 1936 marcada com hachuras à direita. Esta área era muito menor do que a atual, que aparece em branco no mapa 1).



Mapa 2. O Sertão Carioca. Magalhães Corrêa (“O Sertão Carioca”, 1936)

Em 1936, um pouco após o lançamento e impacto de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, entre a intelectualidade brasileira, Magalhães Corrêa chamava a atenção para uma região ainda pouco estudada, influenciado pelas ideias do movimento sanitarista, propagadas a partir da década de 1910, quando este movimento sai de sua fase urbana (1903-1909) passando para sua fase rural (1910-1920). Em seu artigo *Logo ali, no final da Avenida*, o cientista social Gilberto Hochman nos conta como os médicos sanitaristas da época entendiam o sertão, chegando a identificar seu início no final da antiga Avenida Central - atual Rio Branco -, no centro do Rio de Janeiro. Analisando duas frases ditas por médicos da época, segundo os quais "O Brasil é ainda um vasto hospital." (Miguel Pereira) e "O nosso sertão começa para os lados da Avenida" (Afrânio Peixoto), Hochman procura sintetizar princípios básicos do projeto sanitarista da 1ª República, mostrando a interpretação que faziam do país, onde "o Brasil era ao mesmo tempo um grande hospital e um vasto sertão" (ver também Silveira e Gomes de Lima, 2004)



Folha de rosto de *O Sertão Carioca* (“O Sertão Carioca”, 1936)

Não estranhemos, portanto, Magalhães Corrêa ter denominado sertão esta região que muito o impressionou, como ele mesmo diz, encontrando em suas excursões a campo “uma população laboriosa, bem brasileira, cujos usos e costumes... levaram à denominação de Sertão Carioca”. Assim, descreve com detalhes a geografia e as profissões exercidas nessa área periférica do que hoje é compreendido como parte da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Identificando pescadores, machadeiros, carvoeiros, esteireiras, costeiros, tamanqueiros, cabeiros, oleiros, bananeiros, caçadores, guardas de represa e separando estas profissões do que designou as dos “ambulantes *rurales*” e dos “ambulantes suburbanos”, Corrêa traça um painel sócio-geográfico da região, descrevendo suas represas, lagoas, estradas, fauna, flora, comércio, sítios e fazendas, com desenhos de sua autoria feitos a bico de pena (ele também era escultor e membro da Escola Nacional de Belas Artes).



Em um dos capítulos finais do livro, aborda as religiões afro-brasileiras, nesta parte, apesar de influenciado pelas teorias evolucionistas de sua época, descreve com minúcia etnográfica objetos e características de um culto de orixá, que seria “um *mixto*” de “fetichismo africano” com o catolicismo, o espiritualismo e a “superstição indígena”. Podemos perceber nesta passagem o preconceito do autor em relação aos cultos africanos e indígenas, ainda muito genericamente associados à magia negra.

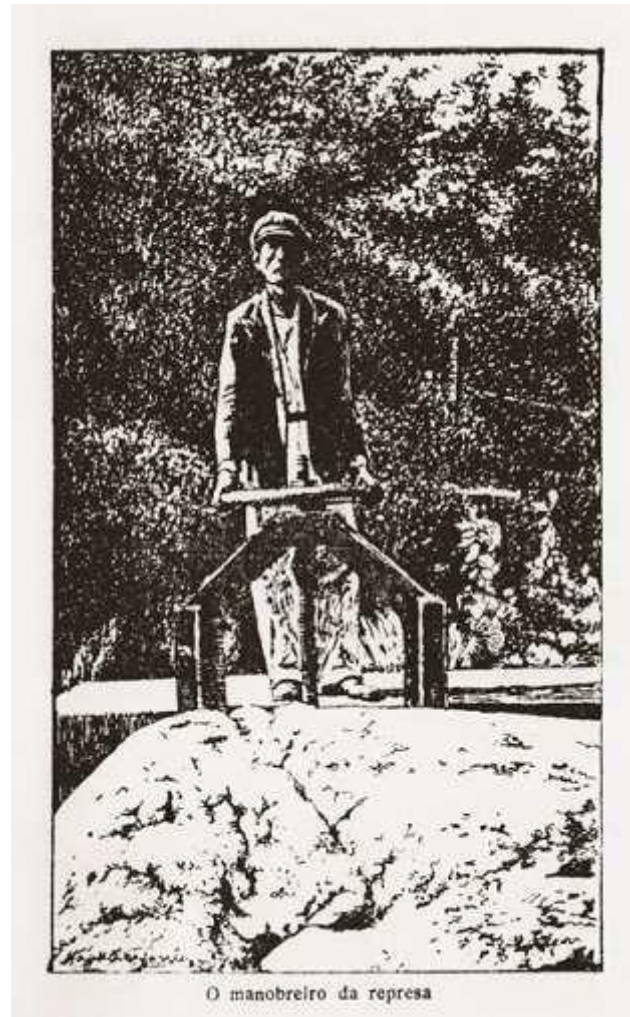
Contudo, detiveram mais minha atenção os capítulos em que analisa a geografia do lugar, informando o significado dos topônimos indígenas - como vemos na citação da nota 1, ao final do texto -, a organização espacial das profissões, os hábitos do Sertão Carioca, assim como também sua crítica ao que chama os “pedagogos de fantasia” que não percebem a importância de levar a instrução às regiões inóspitas de Jacarepaguá, onde “A instrução primária é dada pela Prefeitura, mas, pobres criancinhas, andam *kilometros* a pé, expostas a soalheira causticante, sem uma sombra nas estradas por falta de arborização” (p. 206). No final de seu livro Corrêa faz uma crítica contundente aos governantes brasileiros da época, mostrando características do sertão carioca que ainda encontramos em regiões ermas do Brasil como a Amazônia. Afirma o autor:

“Ao terminar estas observações que colhi, ainda que *pallidamente descriptas*, do sertão carioca, o fiz com a convicção de prestar um serviço aos nossos irmãos ignorados, que propositadamente denominei ‘sertanejos’. Abandonados completamente pelos poderes públicos, sem *codigo* rural, sem *assistencia medica eficiente*, sem *instrucção* adequada, vivem esquecidos nessa vasta região do *Districto* Federal, como se não fossem brasileiros.

“A riqueza de um povo, principalmente o nosso, em formação, esta na vida *originaria* das pequenas lavouras e indústrias, que formam a parte econômica e básica *delle*; um *paiz* sem meios *proprios* de subsistência e sem meios de obter os utensílios de seu uso *domestico*, não vive, vegeta, são ensinamentos elementares da *Geographia Humana*” (p. 236).

Mais significativa do que a crítica social do autor é sua consciência sobre a necessidade de preservação do meio ambiente do sertão carioca. Magalhães Corrêa integrou um grupo de intelectuais que, nas décadas de 1930 e 1940,

valorizava a preservação das matas como parte importante da manutenção da diversidade de espécies animais (ver Franco e Drummond, 2005).



*Manobreiro da Represa.* Magalhães Corrêa (“O Sertão Carioca”, 1936)

Em sintonia com a noção da época de que existia um sertão chamado Brasil, agrário e pobre, contrastando com o litoral mais desenvolvido e seus lustros de civilização, Corrêa afirma que não adianta a existência de “grandes indústrias, as valorizações, os empréstimos e os colonos”. Estes seriam como “balões de oxigênio” que auxiliam um corpo enfermo sem garantir sua recuperação. Para Corrêa era necessário ao Brasil “viver por si e para si”, pois:

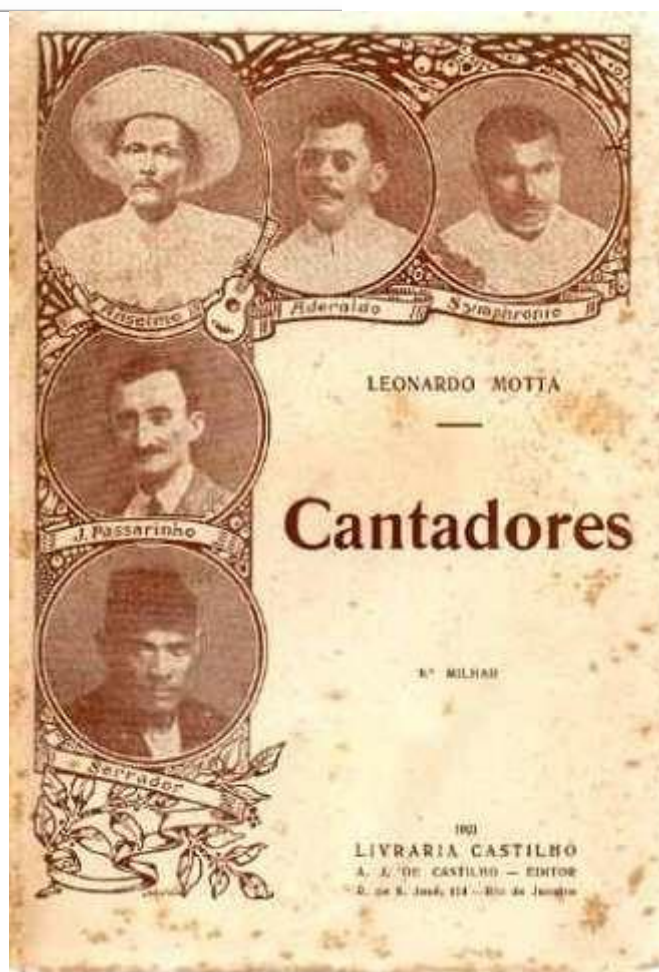
O problema fundamental no Brasil é o de uma sadia brasilidade, a começar pelo reflorestamento, a conservação dos mananciais, para a garantia da nossa fauna, e assim possa haver meios de subsistência a seus habitantes.

Particularizando o sertão carioca, o fiz como exemplo dessa calamidade que abrange todo o território brasileiro. (p. 237)

Percebemos nessa passagem os motivos da qualidade das expedições de Corrêa ao seu sertão carioca, pois pouco interesse resultaria a leitura de descrições da “geografia humana” dessa região que não contivessem uma avaliação particular sobre os aspectos sócio-ambientais estudados. Por este motivo, antes mesmo do surgimento da ecologia, *O sertão carioca* constitui uma obra valiosa para se compreender a formação de nossa cultura fluminense, contendo uma marca nativista singular: a valorização do meio físico natural dos sertanejos que estuda.

A ideia de sertão, contemporaneamente, mesmo muitas vezes marcada pela aridez e a vida inóspita da natureza local, sempre esteve envolvida em uma aura de encanto, resultado de histórias tão bem contadas por grandes e pequenos autores da língua portuguesa e por sertanejos cantadores e tocadores de viola. Como nos diz Ricardo de Oliveira em seu texto *A Invenção da Brasilidade Sertaneja* (1998):

O namoro do sertão com a nação teve início no ambiente marcado pela cultura literária do Romantismo, em meados do século XIX, onde a imagem do sertanejo foi habilitada como sujeito pertencente à nação, mesmo contradizendo o pensamento dominante na época, que tornava praticamente impossível este casamento, porque, para boa parte dos setores da elite letrada, o sertanejo simbolizava a barbárie, completamente avesso aos padrões civilizatórios que se queria instaurar, e que perfaziam os critérios básicos para a definição do chamado “corpo da nação”. Mas, pelo viés romântico, o conceito de sertão, inscrito na complicada interseção entre as mitologias da idade ouro, o sonho rural, representada pelo arquétipo do bom selvagem rousseauiano, que em última palavra é também a eterna busca do paraíso terreal, pôde surgir à imaginação de escritores como José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Fagundes Varela e Castro Alves como elemento estético para a fundação de uma paisagem brasílica em oposição à estrangeira, notadamente a lusitana.



*Cantadores* (capa da 1ª edição, 1921. Acervo pessoal)

O sertanejo, enquanto elemento civilizador, está presente na literatura e na formação da identidade nacional brasileira não somente por sua marca indígena – romântica, nativista – e o resultado de sua mestiçagem, o caboclo, como queria Euclides da Cunha; também não somente por representar o “Brasil real” em oposição ao Brasil oficial, como disse Machado de Assis (ver entrevista de Suassuna sobre a relação entre erudito e popular à Agência Câmara, 2006). O sertanejo caracterizado por Euclides da Cunha, o forte e expropriado interiorano - nascido numa época em que eram abordadas com mais frequência as ditas três matrizes raciais brasileiras: indígena, branca e negra -, se transforma através do tempo, sendo, ora o campeiro da fazenda, ora o braço de obra nas cidades, mas passando, gradativamente, para um outro plano de nossa cultura brasileira, ao ser reconhecido como agente transformador e criador não apenas por sua força de trabalho ou conhecimento



adaptativo da natureza em que vive. Aqueles que conhecem um pouco sobre a mudança da escrita antropológica de gabinete, do século XIX, para a observação participante – e tantas outras metodologias de pesquisa – do século XX, sabem da relação próxima existente entre esses atores aparentemente distantes na formação de nossa cultura: o sertanejo e o sertanista.

O violeiro anônimo, cronista das histórias do povo, começa a ser visto por parte da intelectualidade brasileira também como um ator de sua história. Um marco das mudanças na relação entre aqueles dois pólos (se abrangermos o termo sertanista a folcloristas e antropólogos) é apontado no prefácio de Câmara Cascudo para o livro *Cantadores* (edição de 1961), de Leonardo Mota, onde afirma que sua pesquisa representa em nossa literatura o reconhecimento do cantador e do violeiro em sua individualidade, ao descrever a biografia dos principais nomes da cantoria nordestina do final do século XIX e início do XX, nomes que, até então, eram apenas citados como autores de músicas de “folk-lore”, ou possíveis autores de músicas consagradas popularmente (início da diferenciação entre autor popular e “domínio público”).

No entanto, ainda faltaria várias décadas para assistirmos a elaboração de novas pesquisas em ciências sociais, onde os pesquisados passaram a ser até mesmo co-autores ou autores de pesquisas das quais participam. Mesmo assim, permanecem estes dois livros - *O sertão carioca* e *Cantadores* - como exemplos da capacidade inovadora de autores que viram nas pessoas do povo agentes fundamentais de nossa cultura, e não apenas peças da engrenagem da república que surgia. Autores que escreveram numa época em que não havia se consolidado os estudos sociológicos ou antropológicos no Brasil e, portanto, foram autodidatas em suas pesquisas. Magalhães Corrêa antes de ser um estudioso da "geografia humana" no Rio de Janeiro, foi professor da Escola Nacional de Belas Artes e Leonardo Mota, por sua vez, um reconhecido advogado cearense, tirava parte de seu tempo livre para pesquisar as belezas das artes do seu *caluniado sertão nordestino*. Fato este comum na época, tendo-se em vista que o autor de *Os Sertões*, Euclides da Cunha, era *Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais*, apesar de atualmente ser

reconhecido como *escritor, sociólogo, repórter jornalístico, historiador, geógrafo, poeta e engenheiro brasileiro.*

Notas:

[1] Continuação da descrição do sertão carioca por Corrêa (foi mantida a escrita original):

"Começa no Campinho, com o nome de Marangá (*valle* da batalha) entre este morro e o morro do Valqueire (*Valle* de pau-ferro), na altitude de 40 metros do nível do mar. No Tanque, a 14 *kilometros* do Campinho, dilata-se consideravelmente, chegando a ter 6 *kilometros* de largura. Deste ponto, *vae* progressivamente *augmentando*, até encontrar o Oceano, onde alcança sua maior largura, formada pela bacia hidrográfica das *lagôas* da Tijuca, Camorim, Marapendy e Campo de Sepetiba. *Ahi* da Barra da Tijuca (morro da Juatinga – Jua Branco) até a base do morro das Piabas, alcançando 23 *kilometros* de extensão, mais ou menos. Do Campinho ao Oceano, a extensão é de 15 *kilometros*; o terreno *vae* em declive suave, *secco*, até as Estradas da Tijuca, do Camorim, Vargem Grande e Piabas; *dahi* ao *littoral*, pode-se dizer, é quase em sua totalidade alagadiço, com as lagoas, os campos (Sernambetiba), as matas *Tropophilas* e *Halophilas*" (*O Sertão Carioca*, 1936, p. 23).

#### Bibliografia

- CORRÊA, Armando Magalhães. *O sertão carioca*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936. Fac-símile, Coleção Memória do Rio, Departamento de Imprensa Oficial da Secretaria Municipal de Administração do Estado do Rio de Janeiro, década de 1970.
- MOTTA, Leonardo. *Cantadores*. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1921.
- Cantadores*. Ceará, Imprensa Universitária do Ceará, 1961.

#### Referências da Internet

- FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. *Armando Magalhães Corrêa: gente e natureza de um sertão quase metropolitano*. In: Hist. cienc. Saúde - Manguinhos vol.12 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2005. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

[59702005000300021&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](#). Acessado em 28-07-2009.

OLIVEIRA, Ricardo de. *Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo*. In: Rev. Bras. Hist. vol.22 no.44 São Paulo, 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000200012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000200012&script=sci_arttext). Acessado em 21-01-10.

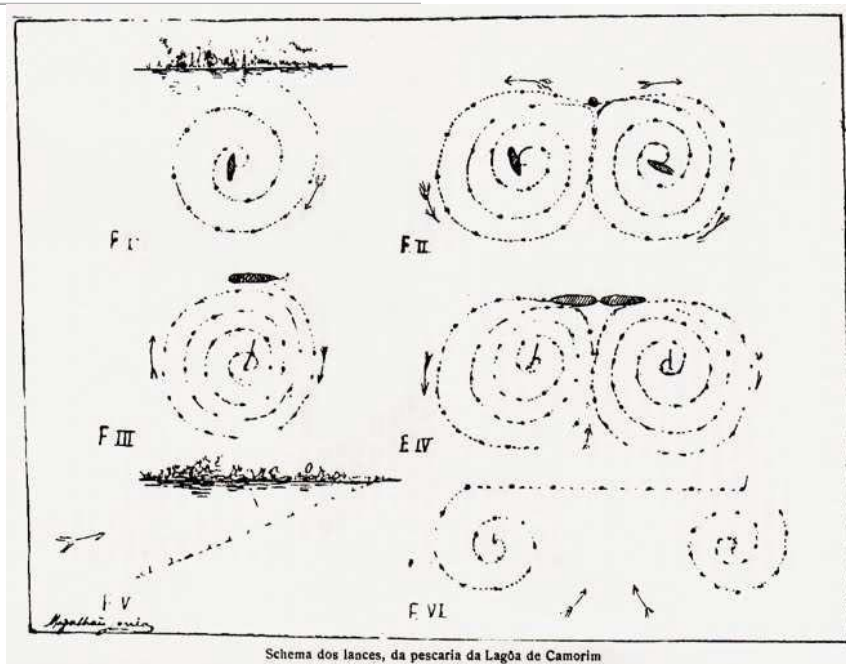
A Invenção da Brasilidade Sertaneja. Rio de Janeiro, 1998 Procult/Ufrj. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/humanas/0033.htm>. Acessado em 21-01-10.

SILVEIRA Alex dos Santos da; GOMES DE LIMA, Rozângela. *Saúde pública, atraso e reabilitação nacional: República Velha e depois...* Maringá - PR. Revista Espaço Acadêmico, 2004. Disponível em: [http://www.espacoacademico.com.br/035/35esilveira\\_lima.htm](http://www.espacoacademico.com.br/035/35esilveira_lima.htm). Acessado em 21-01-10.

SUASSUNA, Ariano. Entrevista para a Agência Câmara, 2006. Disponível em [http://www.assuntoprincipal.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=100&Itemid=2](http://www.assuntoprincipal.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=100&Itemid=2). Acessado em 21-01-10.



Joaquim da Philomena — Pescador de Camorim



*Pescador de camorim e Sistema de lances de pesca, Magalhães Corrêa ("O Sertão Carioca", 1936).*